

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

### IMPLICAÇÕES SIGNICAS NO PROJETO PUCSPIANO DA GRAMÁTICA CIENTÍFICA DO PORTUGUÊS envolvendo a perspectiva peirciana e saussuriana, como novas trinitariedades

*Edson Sendin Magalhães* (FEUDUC)  
[edsonsendin@hotmail.com](mailto:edsonsendin@hotmail.com)

A primeira trinitariedade está em Madre Olívia: é a complexa perspectiva de Cília Coelho Pereira Leite, que se recusa a atuar sem a colaboração dos colegas e dos alunos.

A Primeira implicação sígnica: o caráter *interdisciplinar* e o *transdisciplinar* do projeto, tem o eixo “uno” Madre Olívia. Esse primeiro eixo se multiplica em *indivíduo* Cília – a *espécie* colegas, como gênero, e a *sociedade* de alunos (*eixo múltiplo*).

A *unidade sígnica* é, como primeiro instante, unidual: tem o que *significa*, *significante* ou ruído, como realidade acústica, e o *significado* ou conteúdo, como substância deste, que se localiza na semântica e no léxico desta ou de parte dela.

A unidade sígnica é formada por *signo*, que ultrapassa o sinal, vai além desse sinal, do símbolo e do valor sem mito, pois não é mera ideologia: somação de mitos e valores.

#### PROBLEMA

Ao dar por constituída a diferença entre sinal, símbolo, sintoma, valor, mito e ideologia, cabe aplicar cada conceituação a categorias do estudo da linguagem, cuja forma e estrutura codificadas ou normatizadas podem sustentar o início do projeto PUCSPiano da Gramática Científica da Língua Portuguesa.

#### OBJETIVO

Estabelecer uma gramática tematizada no seu propósito, pois só assim se pode definir um contrato para a participação cognitiva dos intercessores da comunicação intergramatical e transgramatical e

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

atender, conseqüentemente, a uma gramática do sentido, que Saussure não teria concluído, e por aqui se remete esse autor ao modelo de Peirce.

### LIMITE METÓDICO

Na metódica ou estratégia de produção, o limite funciona como um aliado formal.

O limite consiste, como estratégia de operação e produção, em enumerar o que se tem a fazer no desenvolvimento; por exemplo, resume-se uma programação aqui, a seguir:

### DESENVOLVIMENTO

*Primeira implicação sógnica* (o caráter interdisciplinar): Abrir o texto da tese com a diferenciação já prometida entre *sinal*, *símbolo*, *sintoma*, *valor*, *mito*, *ideologia*, *signo*...

(O caráter transdisciplinar): Selecionar do modo sintético as bases da argumentação semântica de Madre Olívia (1979) no texto do *Projeto* e, juntamente, aplicá-lo no *Treinamento em Análise Semântica – Conjunto n. 2*.

*Segunda implicação sógnica*: Abordagem sucinta de Noam Chomsky (1980), in: *Estruturas Sintáticas*. Port.: 70, atualizada da ed. de 1957; (1969), in: *La Linguistique cartésienne*. Paris: Seuil [trad. N. Delanöe e D. Sperber, com estudos, posteriores de 1979, com atualizações da ed. de 1966]; (1990), in: *Le Langage et la Pensée*, 6ª ed. Paris: Payot, transatualizada da ed. de 1968, dela, “Language and Mind”, traduzida para o fr. por L.-J. Calvet. [*Variante transdisciplinar* com a 3ª. implicação sógnica de caráter planetário: *EM*].

*Terceira implicação sógnica* (rumo à democracia cognitiva): breve apresentação de Mário Eduardo Martelotta et alii (2008), no seu estudo científico, nas funções da linguagem na conformidade de R. Jakobson (ponto central), na dupla articulação, nos conceitos de gramática e na arbitrariedade e iconicidade, no cognitivismo, na aquisição da linguagem ao lado do processamento e ensino, in: *Ma-*

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

*nual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008: 11; 15; 31; 37; 43; 71; 177; 205. [Variante confederativa: E. Morin=E M].

(Rumo à democracia participativa): em *Linguagem e Discurso: modos de organização* (São Paulo: Contexto), de Patrick Charaudeau (2008), apresentam-se questões sígnicas (p. 23) entre língua e discurso, ampliadas em modos de organização do discurso sob a situação de comunicação (p. 69); acrescentam-se ato de linguagem como encenação em confronto com Dominique Maingueneau (2000), in: *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG – 1. Reimpressão (trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima, 1998). [Variante constitucional: *Habermas*].

*Conclusão*: situação e contexto discursivos se interdependem; vale, pois, o diálogo, dentro do princípio moriniano da dialógica. Este evolui para a democracia participativa.

### O SINAL: 1ª. IMPLICAÇÃO SÍGNICA (O CARÁTER INTERDISCIPLINAR) – PISCI

O *signal* serve de advertência ou permite conhecer ou prever algo. Convencionam-se o sinal como expediente, norma, regra, tributo, indicativo ou índice (índex) para se transmitirem, a distância, ordens, notícias e qualquer rema ou comentário e informação.

Neste último caso, *informação*, é que o *signal* se amplia em *signo*, antes norma, regra, língua (“Gestalt”, figura, inserida na sociedade: “Gesellschaft”, associação.).

O sinal é a rigor efetivo, nas últimas consequências do debate, a faceta mais sensória do signo. Na tecnicidade (Carreter, 1968) de Saussure, o significante, o significado impescindem do signo (para nós). Então, ele é o primeiro ou o terceiro elemento (para nós) da trinitariedade (Morin, 2005) ou da relação triádica (Peirce, 1978) ou tricotômica (para nós), na implicação de Sechehaye, (*apud* Bouquet, 2004). Como terceiro elemento, o signo tem mais duas possibilidades de sinalizador: grupal, de “signos-grupos” (para Trubetzkoy, 1939, p. 367), e sócio-cultural ou de poder, como realidade do discurso (para Foucault, 1969), como fator de associação, relação, refe-

rência, dêixis, segundo Câmara Jr., 1964, p. 314), e como ética do discurso, para uma democracia constituinte, para Habermas (1987), na sua Teoria do Agir Comunicativo, 1981.

## O SÍMBOLO: PISCI

O *símbolo* é o que representa ou *substitui* outra coisa. O símbolo evoca algo abstrato ou ausente. Substitui por insígnia uma *história* com base numa associação (sinal) de *sentimentos* de uma *comunidade* (“Gemeinschaft”). Até a criança ainda sendo alfabetizada, recém-inserida no mundo dos sinais, já reconhece o símbolo da Coca-Cola e de outras marcas. O símbolo evolui ou se amplia no produto, a “coisa em si”, a marca, a propriedade, até no só um, no isolado, reservado e até fechado objeto do desejo. E esse desejo, que fecha o símbolo, só pode ser liberado pelo amor (da alteridade à coletividade). O sinal, objeto da necessidade liberada pelo desejo, está para a figura da metonímia, assim como o símbolo, para a metáfora.

A metonímia (tropo) se constitui no arranjo da combinação da linguagem. Um velame navega na localização de um navio ou barco a vela, e até sem vela mesmo. Como sinédoque, lê-se Machado de Assis, embora que somente uma obra tenha sido trabalhada, ainda que não tenha sido *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (em anexo: “Genialidades de Machado de Assis – III”, de Edson Sendin, 2008). O arranjo da combinação da linguagem se encontra no processo de *associação*, que sinaliza um contexto de regras, num entorno (situação ou exóforo) de necessidade liberada pelo desejo liberado pelo amor, que é união de contrários. Associam-se paradigmas a formar sintagma. Os paradigmas, por sua vez, são mais que um paradigma. Vão além das fronteiras conceituais da língua. E fazem uma trindade com esta enquanto possibilidades mais amplas. Essas possibilidades se contemplam na proposta de Morin, na chamada “trindade finita”: cérebro humano – linguagem – cultura.

## QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

SIGNO, SIGNOS-GRUPOS, ASSOCIAÇÃO (SINAL),  
DÊIXIS, AGIR COMUNICATIVO (ÉTICA DO DISCURSO),  
VALOR, MITO, IDEOLOGIA  
(PARA ESTE CONTEXTO BREVE) – PISCI

Para Saussure (1995, p. 272), no *Cours* (1916), qualquer *signo* é escolhido. O *signo* aparece na hipótese de um projeto científico da linguística, ao lado da palavra e da frase, nas características demonstradas pelo autor das aulas, sob as hipóteses ou as características:

*Primeira: formal* e o *material* podem ser dissociados; a linguagem como sistema formal (formalização que parte para um certo número de regras).

*Segunda:* um ser linguístico (*signo, palavra, frase*) não tem natureza própria: as posições predominam em relação aos seres (disse o filósofo da Linguística, o linguista Saussure).

*Terceira:* distinção operada pelo autor entre a *língua* (produto social da faculdade da linguagem), a *linguagem* (interações: convenções e iniciativas) e a *fala* (“parole”: ato do indivíduo, por meio da codificada convenção social, a língua).

*Quarta:* a *língua* é um sistema de *signos*. O *signo* se constitui da combinação de um *significado* (conceito – substância do conteúdo, para Hjelmslev) e de um *significante* (uma imagem acústica), dois aspectos indissociáveis (do signo, para nós, tricotomistas da combinatória sêmica ou das “implicações sêmicas”).

*Quinta:* explica-se a sistematicidade da *língua*, cujos termos têm na solidariedade entre si o seu valor maior. Esse valor resulta da presença simultânea dos outros. Tal simultaneidade e solidariedade promoveriam, para nós, uma dúvida sobre a tese da arbitrariedade do signo.

*Sexta e última:* oposição entre os pontos de vista sincrônico e diacrônico; um enunciado de *língua* e sempre proferível (pancrônico ou além do tempo ou sem este); se é proferido, tal ato se consuma ou se verifica num instante (eterno?) e num lugar determinados.

Afinal, sistematicamente, tudo é sintático na língua, quer numa sintaxe interior da palavra, quer numa abstração da comparação de formas (princípio correlativo), assim como os próprios elementos.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

E – conclui-se esta parte – *O Curso de Linguística Geral* é como alerta Foucault, no “Prefácio” da segunda edição da prescritora Gramática de Port-Royal, em outros termos: funda os modernos estudos científicos das línguas. A proposta signica de Saussure, muito tecnicista, na perspectiva de Sechehaye; ultrapassa, pois, tanto o modelo comparativo de Antoine Meillet, quanto o generativo de Noam Chomsky; aqui, se põe no sentido de valorizar ainda mais ambos os modelos, em face da alternativa não tecnicista do pragmático Peirce e do inatismo chomskiano, levados a consequência; uma expressão desta anexaremos a este escrito, com o título “Sob a Teoria da Complexidade, Peirce e Saussure”, de Edson Sendin (2007, p. 28), apresentado no XII Congresso de Filologia e Linguística da UERJ.

Antes de entrarmos no resumo de Bouquet (2004, p. 280) sobre a questão sintagmática, de valor, língua e discurso, observa-se com o terceiro curso de Saussure que “um dicionário e uma gramática são uma imagem admissível da língua (“tesouro de signos”), esse depósito de imagens acústicas”.

Qualquer elemento do “agrupamento *in praesentia*”, enfim, constitui-se distinguível, mas indissociável do *fato semântico*. É o que nos importa, finalmente, para essa associação com Chomsky e Olívia.

O fato semântico tem conectibilidade com os fatores sociais que entram nos ingredientes da fala. Potencializada pela língua, a fala permuta influências com esta, de modo a aplicar a faculdade e outras propriedades da linguagem. Está demonstrada a relevância da prática da leitura tricotômica de Saussure. Além dos seres linguísticos, das ordenações sintagmáticas e paradigmáticas, e do caráter atemporal da relação de diacronia e sincronia em face da pancronia (Von Wartburg), a tricotomia: língua, linguagem e fala favorece a contemplação das relações triádicas do signo: consigo mesmo, com o objeto e o contexto, cada relação considerando o intérprete, a interpretação e o rema, o comentário, segundo Charles Sanders Peirce, e da trinitariedade: indivíduo – espécie – sociedade, de acordo com Edgar Morin, sempre em pensamento de *associação* e combinação dos elementos participantes da aplicação do paradigma conjuntivo sob o signo da complexidade, com multidão, interação ou inclusão.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

A *associação* – PISCI – é ato da força da união entre as diferenças; a associação combina, dialoga, concede, faz sociedade, aproxima sabedoria e loucura, institui o amor e a regeneração.

O amor – PISCI – simboliza o maior *mito* das culturas humanas: é o nada que é tudo, como todo mito, mas o amor libera o desejo e este não fixa a necessidade, não a legitima, não a prende, não a perpetua, quando ela se impõe sobre todas as concessões possíveis. E essa conceituação já pressupõe a lenda que catarticamente o sustentou até hoje na tentativa de superação do caos e do claustro do mundo claustrofóbico.

E entre todos os *mitos* – PISCI, a conceituação que, sobretudo, ficou para além da lenda e do esquecimento da sua força de metáfora fabulosa, além da vontade de potência do paradigma do bem na língua, na fala, na cultura social, associou-se a Deus; evolui-se ao máximo poder de associação: do nada com o Bem resultou no imaginário social instituinte a concepção de fé; veio a fé da esperança, fundada no real da metamorfose, que mata o caráter arbitrário do signo (o significado não depende de nada mais real que o mito) e de todos os mitos e do “faz de conta” da cegueira da ciência.

O *mito* além de se instalar na visão, segundo Claude Lévi-Strauss (1985), no seu *La pensée sauvage*, desde 1962, ele se abre na limitação de poder para cada poderoso, para nós. E, junto com o *valor*, o mito se associa ou se soma para habilitar o signo da ideologia. Assim se constitui a ciência da formação das ideias ou o ideológico sistema de ideias.

Já na esfera da ideia, se representa mentalmente da coisa concreta ou abstrata. A ideia pode assumir uma anterioridade de sua concretude ou apenas noção, então se projeta. O projeto pode trazer incluso um plano, que também não está totalmente imune das orbitais suas e de outras coisas; a ideia imagina; opina, conceitua antes de se firmar em ato de pensamento e em ato de fala e de discurso, ato de comunicação; estabelece a mente funcional e lembra de todas as suas representações como símbolos, como memória sígnica.

Em Carreter (1968, p. 348), a *relação* responde pela conexão ou interdependência de dois ou mais elementos lingüísticos. Define nos pares endofóricos a *correlação*, que a função por excelência da

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

língua, como reação associativa, sintagmática. Quanto à função de caso, o acusativo de relação se vê na junção sintático-semântica do objeto direto ao verbo transitivo direto.

A *relação* – PISCI – é um termo especializado pela Glossemática. Portanto, posiciona uma junção para designar a função que comporta a coexistência de dois fúntivos (do fr. “fonctif”, termo que intervém em uma função). E é característica do texto em que coexistem os diversos elementos. Charles Bally nomeia com relação a conexão entre dois objetos exteriores um ao outro; por exemplo, *livro e mesa* na frase *o livro está sobre a mesa*.

*Relação* se opõe à inerência. Enfim, sintaticamente, a relação se expressa pela regência: uma palavra depende gramaticalmente da outra. A palavra dependente se chama regida, e aquela de que esta depende, regente. O caráter essencial da regência é a dependência. Para Hjelmslev, “se dizemos que um termo é regido por um verbo ou por uma preposição, queremos dar a entender que o dito termo constitui um complemento da significação própria do verbo ou da preposição”.

A palavra regente determina as circunstâncias morfológicas da palavra regida. Em latim, por exemplo, *ab(-)* rege ablativo em seu regime, e o verbo rege normalmente a seu complemento direto em acusativo.

Já a *referência* – PISCI – a tudo que até foi dito faz alusão ou menção aos mesmos objetos referidos, como ato ou efeito de referir. A referência promove a função referencial; para Jakobson é a função utilitária da linguagem, em forma de língua cotidiana. As referências, na cultura da identidade individual, se efetivam como informações sobre a idoneidade de uma pessoa. Tem a referência uma implicação com *dêixis*.

*Dêixis* – PISCI – vem da faculdade da linguagem, quando esta designa, mostrando, em vez de conceituar. A designação dêítica ou mostrativa, segundo Mattoso Câmara Jr. (1964, p. 101), “figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema linguístico”. E acrescenta:

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

– Podemos dizer que o *signo* linguístico – PISCI – se apresenta em dois tipos – o *símbolo*, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o *senal*, em que o conjunto sônico indica ou mostra.

O pronome é justamente o vocábulo que se refere aos seres por *dêixis* em vez de o fazer por simbolização como os nomes.

Essa *dêixis* – PISCI – se baseia no esquema linguístico das três (3) pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais seres situados fora do eixo falante-ouvinte.

Aos grupos de fonemas que aparecem somente no limite entre duas unidades de significação chamam-se *signos-grupos*, como o faz Trubetzkoy (1939). A primeira parte deste grupo pertence ao final da unidade significativa precedente, e a segunda, ao começo da unidade significativa seguinte. Desse modo, no Brasil, os grupos formados por *consoante + consoante* o exemplificam, com outros: *corresponder* (grupo do tipo digráfico ou dígrafo, que se formou do da junção ou prefixação com o prefixo *co(r) + responder*; *co(m)posição* (-m- e não -n-, pois precede um som bilabial e não linguodental ou alveolar).

[O precedente termina em consoante e a segunda unidade significativa começa por *h*: *super-homem*, grupo /*superhomem*/].

Na sua *Teoria do Agir Comunicativo*, Jurgen Habermas (1987: 481) – terceira implicação sgnica [Variante Constitucional: Habermas – TISVCH] – se reporta ao chamado *ato de fala*, no seio da *comunidade de comunicação*. Esse ato participa do “jogo de linguagem”, no qual as funções se “deduzem” como identificações da intencionalidade como relação entre a condição de possibilidade e a pretensão de validade. Daí se depreende a questão ética da linguagem no fator “D” (“discurso” ou pré-condição), em face do fator “U” (universal; este, em última análise, acusa a pretensão do interlocutor ou intercessor proferidor ou auditor). Não se visa à influência de um sobre o outro, mas se procura em primeiro lugar o entendimento com os outros para interpretar em conjunto situações, e pôr-se de acordo sobre os planos de ação: Ética do Discurso (deonto-teleológica).

A ação se introjeta na *pragmática Ética do Discurso* e no projeto habermasiano.

Habermas (1987, t. 2) mostra bem a complexidade da comunicação (1981). O agir comunicativo é a coordenação consensual dos

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

planos de ação das partes receptoras individuais, a qual torna possível o processo de intercompreensão, sob a *Consciência moral e o agir comunicativo*: planta o hábito de sobrelevar a deontologia ao finalismo do discurso.

Contudo, é preciso, nesse processo, reconhecer que com cada *ato de fala* as partes receptoras da comunicação se referem simultaneamente a qualquer coisa que é da ordem do mundo *subjetivo*; dele se pressupõe a *veracidade*; do mundo social, o pressuposto é a *justeza*; e do mundo objetivo, a *verdade*. [Terceira implicação sógnica: VCH].

Por fim, para efeito da razão científica da gramática, com realidade, portanto, em toda a comunicação existe referência a “saberes de fundo”, a mundos vividos, a partir dos quais as partes receptoras da interação alimentam a sua interpretação.

*O ato da fala* de Habermas – VCH, para Dominique Maingueneau (2000) – TISDP, no seu *Termos-chave da análise do discurso*, se apresenta inserido no título “Ato de Linguagem”. Ressalva-se que ora se denomina *ato de palavra*, ora *ato de discurso*.

Maingueneau reconhece o *ato* em questão no contexto conceitual da pragmática linguística. Remete-se a teorização ao filósofo Austin (1970). Segue-o Searle (1972) – TIS.

É o *ato* a menor unidade realizada por uma ação localizada na linguagem. Essa ação pode ser ordem, solicitação, asserção, promessa e mais promessas. Destina-se a modificar a situação dos interlocutores.

O co-enunciador só interpretará a ação no reconhecimento desta, condicionado objetivamente pelo caráter intencional (*Teoria da Intencionalidade* de Searle) do ato enunciativo. Condições (de emprego, já vista), circunstâncias (até institucionais) e o status dos participantes do *ato de linguagem*, caracteres componenciais (*conteúdo proposicional* e *força ilocutória* do ato de linguagem) e intervenções múltiplas comportam vários *atos de linguagem*. Mas a delimitação desses *atos* apresenta muitos problemas: “eles podem corresponder a unidades menores do que a frase e só podem ser identificados no contexto” (*op. cit.*, p. 18) – TIS.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

Os dois exemplos de Maingueneau – TIS, “Paulo vem?” e “Paulo vem.” Têm mesmo conteúdo proposicional (a vinda de Paulo), mas não agem com a mesma força ilocutória; o primeiro é uma pergunta, o segundo uma asserção.

Para Austin – TISDP, um ato de linguagem corresponde a três atos simultâneos: *locutório*; *ilocutório*; *perlocutório* (Terceira implicação sónica – TIS).

Num ato *locutório* – TISDP, produzimos uma seqüência de sons com uma organização sintática e uma referência a algo:

– “Pegue o material; ele está solto” – é uma intervenção dupla. Comporta dois atos de linguagem, como os menores elementos constituintes (o imperativo verbal, para controlar o material e a asserção ou declaração da disponibilidade ou condição do mesmo material; a mesmidade de se indica, por referência, no/com o “dêixis”, “ele” – pronome, substituidor ou símbolo da coisa já que não é ela nem o nome dela).

Num ato *ilocutório* – TISDP, realizamos, com nossa *fala*, uma ação que modifica as relações entre os interactantes: acertar, prometer, afirmar e outros verbos cuja “força ilocutória” pode por eles ser marcada. O ato *ilocutório* é de natureza linguística, ligado à proferição de uma certa fórmula (a língua se profere).

Num ato *perlocutório* – TISDP, podemos executar um ato *ilocutório* para realizar ações bastante variadas: com uma pergunta, podemos *pretender* lisonjear o co-enunciador, mostrar que somos modestos, desconcertar alguém e selecionar qualquer verbo marcador sónico de ações pertencentes aos entes próprios de suas significações. O ato *perlocutório* escapa ao domínio da língua: pertence à postura democratizante.

Nos *atos de linguagem indiretos* – TISDP, um estado de qualidade do ato *ilocutório*, implícito, atinge-se a realização de uma ação através de outra, esta explícita. A existência de um *ato de linguagem indireto* é exemplificada por Maingueneau (*op. cit.*, p.17): “dirigido a um comerciante de cigarros, o enunciado” “O senhor tem Gitanes?” (marca francesa de cigarros) é *literalmente* uma pergunta e, *indiretamente*, uma solicitação destinada a obter cigarros” (no jogo de linguagem, esse ato de linguagem é uma “indireta”!). Pode-se tratar também de um *valor* de discrição ou cerimônia.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Patrick Charaudeau (2008, p. 43) resume a compactação do modo de expressar a noção de ato de linguagem, que vimos em Maingueneau, apenas como um espaço de *encenação*. Neste, o *ato de linguagem* aparenta e age “como ato inter-enunciativo”. Depois se propõe a analisá-lo, Essa análise também entraria no nosso propósito de uma gramática científica para estrangeiro aprender a falar e, em geral, para se adquirir domínio social-TIS.

### VALORES – PISCI

O *valor* resulta da solidariedade dos termos da língua: são solidários na sistemática. O valor de um termo resulta da simultânea presença dos outros ou da ausência deles.

Essa *ausência* coexiste *in absentia*. Remete para a relação paradigmática dos elementos linguísticos entre todos os termos da língua – PISCI.

Os *valores* se constituem de: – 1º. Uma escolha dessemelhante suscetível de ser *trocada* por aquela cujo *valor* se reserva para ser determinado (é a determinar) – PISCI;

– 2º. Escolhas similares comparáveis com aquela escolha cujo *valor* está em causa – PISCI.

*Valores diacríticos* (de sinais: feições, aparências; e de símbolos: representações e reproduções), num sistema de diferenças, correspondem, por tratamento recíproco, à *linguagem*: aparecem com seus elementos sistematizados que se “põem, opondo-se, e que se opõem, pondo-se”.

Então, Saussure – PISCI, nas aulas, define duas ordens *in praesentia* e *in absentia* do valor. São ordens homólogas das esferas da *fala* e da *língua*.

“Os sintagmas, embora constatados em combinações que não são frases, têm por tipo evidente as próprias frases”. Entende-se hoje essa sequenciação de argumento de Saussure, se for considerada a *Teoria do Acontecimento*, de Alfred Noch Whitehead – PISCI, a respeito da conceituação de localização: aplicando esse efetivo conceito de localização a este contexto, sintagma pode não ser frase, se prescindir do significado; e o sintagma com carga ou peso de significa-

## QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

ção interna pode localizar-se na frase (mensageira, unidade do pensamento); e ela como sintagma ou contendo sintagmas pode atribuir valor de sintagma ou de visibilidade de expressão composta pelas “funções” (“sintagmatização”) ou estruturadas significações internas. O que a frase não pode é, diferente do sintagma em si, prescindir do significado, mesmo no início d composição ou na sua intenção.

### OS CINCO SIGNOS DE FOUCAULT

(para constituir as categorias, do entorno e do contexto) PISCI

Na complexa esfera da cultura e no seu espaço de caráter, se localiza, sob a ordem do patológico, a classificação foucaultiana dos cinco signos, que envolvem a paradigmática das relações humanas, éticas (que incluem, em sua excelência ou seu hábito, *valores*):

- 1º. signo: o paradigma da complexidade (o homem e suas circunstâncias, seu “eu”, apagando-se);
- 2º. signo: o paradigma ecológico ou da perspectiva holística (Morin inclui a ecologia humana ou do espírito);
- 3º. signo: o paradigma do entrecruzamento das fronteiras do corpo com as fronteiras do espaço (a nova unidade fronteira é o espaço-corpo, interatuante, intercessor, interlocutor);
- 4º signo: o paradigma do avanço das tecnologias biomédicas;
- 5º. signo: o paradigma do espetáculo do sofrimento do outro (é a sessão “show”; na falta do show de ficção, serve o da vida).

### METONÍMIA:

#### EIXO FIGURATIVO DE ASSOCIAÇÃO – PISCI/ PISCT

O eixo da metonímia ou da associação da linguagem é a circunstância da contiguidade; atende ao arranjo da *combinação*, já que a *seleção* pertence à metáfora.

A contiguidade atende a dois princípios básicos da linguagem, já na língua, no código:

- o princípio da linearidade e o princípio sintático, a um só instante, da construção da forma encadeada, combinada, ou de expressão; esta, nesse conjunto, corresponde (já no domínio do entrecruzamento do símbolo com o sinal) à substância de conteúdo, ainda figurada.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No princípio da linearidade, nota-se a localização (dos termos, dos sinais, da diacriticidade: ponto simples, ponto parágrafo, ponto final, dois pontos, ponto-e-vírgula, ponto de exclamação, ponto de interrogação, da entonação sem sinal aparente, este já no entrecruzamento do sinal com o símbolo, hífen, parênteses, travessões).

A *localização* – CI – será tão mais simples quanto mais aparente; tão mais complexa, quanto mais se encontra onde age o seu objeto, o termo no caso ou a combinatória.

No princípio da sintática – PISCI/ PISCT – (da relação ou reunião de categorias, palavras), os sintaxemas são suas unidades funcionais e de base dupla: morfológica e sintática, ou flexional e relacional. A nova unidade mista, morfossintaxe, vai interdepende de questões internas: morfemas flexionais, e questões externas: semantemas, lexemas (da dicionarística) ou morfemas lexicais.

A externalidade – PISCI/ PISCT – (situação, entorno, exóforo), que pode ser notada na modalidade oral, acopla-se à internalidade (contexto, endóforo: anáfora/ catáfora) para aparentar a modalidade escrita.

Depois que os interlocutores (falantes-ouvintes) se fazem intercessores e constituem uma comunidade (“Gemeinschaft”) provocam uma crise, pois eles têm duplo caráter; esse caráter duplo suspenso cada sintaxema:

– Um caráter constitui a comunidade de comunicação, com suas convenções, suas regras, suas positivities a privilegiar a razão que sonha e faz realidade e a analisa, quando se processa o retorno ao caráter originário;

– Outro caráter, (que), como segundo, permite o duplo na combinação possível. O possível amplia o real, sua essência.

Esse outro caráter remete o real à existência. Para esta, ao evoluir ou se complexificar em coexistência, não basta dar conta do problema da competência (poder falar). Gera-se o emaranhado da crise (aspecto crítico, porquanto é de origem criativa: a mente calculante já encontrou a mente meditativa). Inclui-se o problema do desempenho, que implica *signo*. Navega no signo da alteridade (um paradigma da ética). E acrescenta mais um problema bem maior, na alteridade: a recepção (aceitação, além da percepção).

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

A *recepção* – PISCI – pode implicar realização, atualização (fala ou discurso do sinal ou da língua). No atualismo (atualidade a qualquer custo), bastaria ser atual teoricamente. Contudo, a comunicabilidade ainda precisa da comunicação na comunidade de destino, além da comunidade de comunicação cujos atos oficiosos condenam à redução perpétua a infinitude ou amplidão do nosso sábio silêncio muito pouco interpretado, menos ainda decodificado (?).

### UMA POSSÍVEL QUESTÃO DE MÉTODO: metáfora (incluindo a metáfora inerente) – PISCI/PISCT

Um conflito se estabelece, sob pena de frustração do ato de hominizar e humanizar: em face da comunidade de destino e de suas carências, os intercessores sujeitam o discurso às múltiplas e infundáveis ocorrências da vida do indivíduo, segundo Saussure PISCI, no seu *Cours*, através de Bouquet (2004) – PISCI. Neste ato, não raro, os intercessores desconsideram a reação complexa, unitrinitária – TISVCM.

A relação complexa, unitrinitária compreende-se: indivíduo – espécie – sociedade, de que nos fala a Teoria – TISVCM.

Essa Teoria se refere à Teoria da Complexidade através de Morin (2005) – VCM, in: *O Método 6: Ética* (Ciência da Liberdade, cujo objeto possibilita imprimir o caráter da moral, da qual não se distingue na perspectiva semiótica de costume: gr. *Éthos*, lat. *Moris*).

Tal desconsideração compromete a eficácia, a eficiência, e o cumprimento da ética da compreensão. Daqui, se compreende Joaquim Mattoso Câmara Jr. – PISCI – ao sentenciar a língua na fala e na comunicação (esta no espaço da linguagem ou no não-espaço da linguagem): comunicamos-nos, apesar da língua que falamos.

Quanto à *metáfora* – PISCT, de implicação comutativa, seletiva, mentalmente subjetiva, de permuta de paradigmas, ela, no instante da apresentação de sua aparência, descontextualiza a forma e a substância de expressão, a mensagem na sua origem. A metáfora, enfim, inere à ambivalência do ser do homem e sua expressão; na linguagem, ela faz língua e é e traduz conhecimento ou saber; e, uma

vez esquecida a metáfora, ela faz e estabelece verdade ou nesta se transforma.

Num outro instante, mais eterno, a substância do conteúdo da linguagem é devolvida ao contexto por ação do entorno agora acolado em percebida ação interativa do endóforo, mais precisamente da catáfora (que cata os possíveis fragmentos da anáfora para incluí-la no contexto, na “situação” interna ou internalizada). E até sinestésias se habilitam, porque em Cecília Meireles – PISCT – já são de “prata todos os aromas”; em J. M. Machado de Assis – PISCT, já se pode contar com um enunciado memorial: “Há na alma deste livro (MPBC), por mais risonho que pareça um *sentimento amargo e áspero*, que está longe de vir dos meus modelos”. Metaforiza-se o sentir do sentimento com o sentir da sensação, recontextualizados na identidade da percepção merleauPontiana (concebida segundo Maurice Merleau-Ponty) – PISCI/ PISCT.

O desvio semântico no *sinal* pertence aos *dotes convencionais* da razão.

#### METÁFORA – DIFERENCIAÇÃO DE SINAL, SÍMBOLO E SINTOMA – PISCI/ PISCT

O desvio semântico no *símbolo* (Metáfora) diz respeito ao caráter da substituição ou comutação e troca de paradigmas: *Metáfora*. Opera no eixo da paradigmática linguística, que atende ao arranjo da comutação da linguagem. Nesse arranjo último, situa-se a Figura:

Metáfora e cada apóstrofo, cada apelido ou cognome, cada Predicativo do Sujeito, em relação ao ator ativo, passivo, reflexivo, recíproco ou médio do enunciado, e cada Predicativo do Objeto. A fim de realizar o PdO, é mister ter por bem, ainda que negado, alguém, este como Predicativo do Objeto Preposicionado. E esse PdO interessa mais como Predicativo do Objeto com Preposição, na perspectiva funcionalista e semântica da estrutura sintática (forma de agir no contexto e na relação endofórica) da ética da compreensão, do que saber se o objeto é direto preposicionado ou indireto!

## QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

O arranjo da contiguidade – PISCT – ou associação – PISCI – é contemplado pelo sinal, como o de trânsito ou da religião (sinal da cruz), que operam no eixo da horizontal sintagmática linguística.

Na *diferenciação* de sinal, símbolo e sintoma, Jacques Lacan – PISCT, no seu *Seminário* (Rio de Janeiro: Zahar), nos convence de que o espirro, um defluxo nasal, pode ser sinal de uma ligeira irritação de fundo alérgico ou momentâneo e circunstancial; e pode ser sintoma de uma gripe ou apenas um resfriado.

O *sinal* desconfia, no primeiro caso, e se vincula (“representa” a...) à conotação, passageira, mais subjetiva (ou subjacente, como estrutura profunda) e pouco consistente, e o *sintoma* indica o sistema de um quadro de protocolo, assentado num tecido de regras e normas que instituem contratualmente e por consenso não somente particular ou íntimo de um grupo; assim o *sinal* atinge o espaço público geral e permanente.

Transforma-se o *sinal*, o projeto, em *símbolo*, no projeto da Gramática (ISPULP). Simboliza o grande esforço público (*sinal*) da Madre Olívia e sua equipe da PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o símbolo espacial ou institucional, histórico); este serve também como localização não só do objeto que ali aparenta, mas que age; pragmaticamente, na ação se reconhece a que condição favorece o indivíduo humano, no claustro sócio-vital.

O *sintoma* – PISCI – científico-gramatical se localiza no método de uma gramática de propósito linguístico, deontológica (com vistas aos meios por que se chegará à comunicação no espaço público); incluem-se princípios, postulados e até leis, ressaltados os espaços-objeto (espaços-corpo) dos entrecruzamentos de toda e qualquer categoria, com toda e qualquer disciplina, seja do ponto de vista interdisciplinar, seja do ponto de vista transdisciplinar.

De Madre Olívia (1979) – PISCT – foi selecionado o *Conjunto 2*, pois é o do meio, entre três, no título “Treinamento em Análise Semântica”. Nessa perspectiva semântica, subentende-se que a razão é chomskiana, para quem a gramática começa na semântica. A semântica, no signo sema/semema, inclui a palavra, enquanto lexia e, com esta, toda a dicionarística da língua humana, planetária, a fim de que a universalidade se dissipe nos falares e, daí, dialetos locais, a serviço da concepção da Babel. A Babel simboliza o instrumento de banalização do ideal de fraternidade da unidade humana. Essa unidade comunicacional deixa, por um ligeiro instante, de ser o arquétipo da pleora da espécie, do gênero, das categorias divisórias e disjuntivas, como a do tempo, parasitária do modo e do aspecto, da mentalidade ou da perspectiva de que essa unidade humanista pode conviver com a diferença, e bem.

Mais tarde, focalizaremos o conjunto 1 e 3. O propósito seria reiterativo, apenas para que se reforce a concepção de um programa, num seletivismo, próprio do fazer científico, para não se dizer positivista. Vamos ao programa, com base no *Conjunto 2*, da Madre Olívia (1979, *op. cit.*), com o objetivo de proporcionar elementos para as aulas de Português, de modo prático, sem preconceber registros cultos e coloquiais, em “Sumário”:

– Tipos semânticos de verbos – Roteiros e Exercícios:

Ação e acontecimento; Ação, conhecimento e acontecimento; Conhecimento e impressão; Ação e estado; Volição, sentimento e decisão; Diferentes tipos de verbo.

(Para nós, acrescenta-se, como suplemento o quadro dicionarístico da conjugação de modelos verbais).

Dar; Dar e Fazer; Fazer; Fazer e Ir; Ir; Ir e Ter; Ter.

– Um mesmo verbo em diversos contextos:

. – A Duração do processo verbal: “Aspecto verbal”:

. Explicação Prévia

## QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

. Aspecto: pontual e durativo; Cessativo, progressivo e frequentativo;

. Indicar o valor da duração verbal; *idem* (insistir com a proposta).

– Tipos semânticos de sujeitos (do Sujeito):

. Sujeito agente e sujeito do acontecimento; Sujeito do acontecimento e do conhecimento;

. Sujeito da impressão e sujeito causador da impressão; Com verbo de volição, impressão e sentimento; Sujeito remetente, destinatário e receptor.

– O Jogo da Caracterização:

. Caracterizador, caracterizado e tipo de caracterização; *Idem* (insistir na caracterização);

. Ação apresentada como (fator) caracterizador; Acontecimento apresentado como caracterizador; Caracterizador caracterizado e tipo; (Dois momentos de propostas reiteradoras; insistência); *Idem*; Caracterizações entrelaçadas; (Seis momentos de insistência, para verificar casos e fixá-los)'

E nesse ritmo e modo, apresentam-se outros “Conjuntos” (OLÍVIA, 1979), a exemplo do *n. 1*:

– Relação de destaque e substituição e expressão de ideia de possuidor, possuído e posse.

– Lugar (para distinguir: de origem, finalidade. Percurso, permanência e proximidade).

– Tempo: para distinguir e relativizar; indicar fatos simultâneos, quase simultâneos, anteriores, posteriores, remotos, iminentes, ações repetidas e ações concomitantes.

– Inclusão e Exclusão (completar orações, de modo a incluir alguém e excluir outra pessoa).

– Quantidade (distinguir, passar, assinalar, valorar individualização e generalização e identificar seus elementos).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– Intensidade ou Diminuição (suprimir os intensificadores, a intensificação e indicar suas localizações de ocorrência)

– Meio e Fim (distinguir, destacar e indicar meio como intermediário e suas concepções)

– Alternância e Disjunção (o significado exprime alternativa e disjuntiva; distingui-las).

– Condição – Condicionado (Indicar; Distinguir, inclusive condição hipotética).

– O Jogo da Comparação: indicar coisas comparadas e suas gradações; elementos comparados; distinguir a comparação por igualdade e por semelhança; comparar por par de diferença; estabelecer o comparativo por semelhança e por diferença; comparativo em geral; um jogo comparativo mais complexo, com um elemento em destaque.

... Depois a exemplo do “Conjunto” (Olívia, 1979, nº. 3) – 1ª

*Parte:*

– Uma palavra em diversos contextos: – Mais; – Menos; – E; – Ou; – Ainda; – Até; – Pois...

...mais duas palavras: – Lá; – Mas.

2ª. *Parte:* – Análise Semântica perante textos:

- a) em linguagem coloquial, 71-77
- b) de autores, 78-88
- c) extraídos do *Pequeno Príncipe*, 89-98
- d) do poema de Vinícius de Moraes, “Operário em construção”, 99-108
- e) de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”, 110-129
- f) Poesias, 130-143

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

### *Observação:*

Toda a Metodologia será participativa, seja para efeito de acompanhamento, seja para efeito de assimilação, seja para efeito de avaliação (ao final deste trabalho, três páginas de exercícios serão anexadas, na aula, ao vivo, em caráter de ilustração suplementar).

### ESTRUTURAS SINTÁTICAS, DE CHOMSKY – SIS

Aqui se ensaia uma Teoria Geral formalizada da estrutura linguística.

Havia dois modelos da Teoria Linguística:

– um modelo teórico da comunicação: nele a linguagem é um processo de *Markov* de estados finitos; o processo produz frases da esquerda para a direita; e

– um modelo sintagmático: ele se funda na análise em constituintes imediatos. Estes se articulam sem intermédio de outros elementos formais que constituem uma forma linguística complexa, segundo também Câmara Jr. (1964, p. 90).

Em – *lobas*, o –*a* é constituinte imediato da raiz *lob-*, mas o –*s* é acrescentado à forma complexa *loba*.

Podem ocorrer dois ou mais adjetivos sem serem uma sequência de coordenação junto ao substantivo, mas constituintes em ordem sucessiva (provavelmente, um tipo de coordenação especial ou apenas aparente, sem a ação e a implicação semânticas). Essa sequência não coordenada é assinalada pela falta de vírgula na escrita e, na oralidade, pela falta de pausa entre esses elementos ou pela anteposição de um em face da posposição do outro: – *guerra injusta devastadora*, – *devastadora guerra injusta*. Aqui nesses exemplos, *devastadora* é constituinte em articulação com *guerra injusta* – PISCI.

Esse constituinte passa a ter um valor gramatical na ocorrência da colocação do adjetivo em anteposição ao substantivo, como se verifica no caráter de *devastação* num plano primordial na linearidade frasal. E ser a *guerra injusta* ocupa uma localização secundária: como se a guerra tivesse devastado mais do que injustiçado ou dei-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

xado prevalecer a impressão devastadora acima ou além da impressão injuste.

E note-se que o *valor* gramatical tem implicação sógnica, que é sua penetração semântica e até semiótica, por causa de uma pragmática articuladora com reflexos linguísticos em meio de expressão PISCI/PISCT.

Chomsky propõe um terceiro modelo. A noção central é a de *nível linguístico*.

O nível linguístico é um conjunto de válidos mecanismos descritivos. Eles se validam para fornecer um processo de avaliação das gramáticas.

Desse modo, os níveis crescem. Sucedem-se em complexidade. Correspondem a modos de descrição cada vez mais potentes, ampliados pela criatividade da paixão e limitados pelas necessárias regras gerais: frases, como núcleo, apóiam, a compreensão de outra; uma frase provém de outras; a estrutura sintática se correlaciona, multiplamente, com o sentido; e o quadro sintático, pode “suportar” a análise semântica; não, fundá-la. Tal compreensão progrediu da concepção da interdependência dos níveis e a de níveis linguísticos enquanto sistemas abstratos de representação ligados apenas por aquelas regras.

Existem numerosas correlações entre a estrutura sintática e o sentido. Essa compreensão – conclui-se de outro ângulo – necessita da decomposição da estrutura sintagmática em constituintes de cada um dos componentes elementares. Nessa proporção, a história transformacional do desenvolvimento da frase viva a partir das frases-núcleo regra conversão de uma estrutura profunda numa estrutura de superfície.

### A LINGUÍSTICA CARTESIANA – SIS

O advento da gramática gerativa evidenciou que o modelo da gramática cartesiana de Arnauld e de Lancelot justapunha estruturas superficiais – PISCI. As categorias se sucediam. Não demonstravam sua interdependência.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

O encadeamento sintático-semântico se reduzia a dois níveis: o da racionalidade das convenções linguísticas e as abstrações ou emoções. Por isso, M. Foucault – TISDP – observara e já sentenciara, no “Prefácio” da segunda edição, que essa Gramática Razoada, de Port-Royal já constituía em pleno século dezessete uma antevisão dos mecanismos do estruturalismo linguístico. Ali, estava antevista, portanto, a linguística como ciência. Saussure – PISCI – a concebera desse modo. E foi a maior influência exercida nos modelos seguintes, incluindo as descrições da gramática generativa – SIS.

A descoberta das condições universais que precevem a forma geral de toda a linguagem humana favorece a Chomsky agrupar o seu centro sob o nome de “linguística cartesiana” – SIS. Esta obra analisa o parentesco existente entre as regularidades recursivas e escondidas que suportam uma variedade de superfície na Gramática de Arnauld e Lancelot – PISCI.

Evidenciam-se, dessa forma, as regras que remetem para a uniformidade da natureza humana, para os universais linguísticos e para as inatas propriedades do espírito na constituição do saber humano. E essas regras aproximam os pressupostos da gramática de Port-Royal – PISCI – e os princípios da gramática generativa – SIS, que “reativam” os da gramática universal clássica – SIS/ VDM/ VCH.

Então, a gramática generativa – SIS – se define como estudo da tácita competência de um locutor-auditor. Sobre ela se assenta o seu efetivo desempenho na produção e na percepção do discurso.

Compõe-se um sistema de base, que é conjugado por regras que geram subjacentes relações gramaticais. Tais relações se conformam numa ordem abstrata. Acompanha-a um sistema transformacional.

O sistema transformacional se aplica em mutáveis estruturas de superfície. A *conjunção* do sistema produz a configuração da sintaxe de uma língua. Enfim, decididamente, quem partilha esse sistema é o locutor e auditor. Dele emana a uniformidade da natureza humana, no interior do sistema subjacente de regras generativas.

No livro de Chomsky, *A linguagem e o pensamento*, em bases novas reexamina-se o antigo problema das relações entre o pensamento e a linguagem. Tanto pertence ao passado quanto ao presente da Linguística, que era o “futuro”: estudos sobre a geração da linguagem.

Porém, estamos diante da questão dos fundamentos inatos da aquisição da linguagem. Operacionalizou-se a questão no processo de aquisição e de utilização da competência linguística.

*A implicação sónica em Chomsky* tem originariamente um aspecto genético; daí resulta o infundo caráter generativo das operações e das múltiplas e efetivas ocorrências da vida do indivíduo. Esse individualismo está marcado em toda a influência de Saussure, na conceituação do discurso (“parole”), nas relações sónicas em Peirce, na conexão kantiana da ética do discurso em Habermas – TISDPV-CH, que se abriria para a chamada comunidade de comunicação.

A inata competência linguística, em Chomsky combina regras, subjaz a esses recursos. Estes definem uma gramática universal. Permitem adquirir uma língua, cuja expressão se limita ao desempenho (“performance”) de certo modo inato. Instalam-se estratégias. As estratégias asseguram essa aquisição. A aquisição, por sua vez, seria assegurada na dependência também de uma estrutura inata.

A performance é sustentada por um sistema abstrato, como deve ser considerado o conhecimento de uma língua.

O conhecimento ou a competência a que nos referimos sustenta o sistema. Leis concorrem para definir a forma e o sentido intrínseco de um potencial número infinito de frases (o dado localizado na finitude, aqui, determina as possibilidades infinitas).

O tal sistema, “gramática generativa” toma do homem o caráter radical: ele é a raiz, tal como Karl Marx – VCM/ VCH – concebera o, por ele chamado. “homem genérico” (generativo). O sistema generativo define as propriedades formais de qualquer língua humana possível.

Uma gramática generativa sistematiza várias centenas de leis de tipos diferentes. Os tipos concedem princípios de ordem e de apli-

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

tabilidade fixos. Contêm uma subestrutura fixa, também comum a todas as línguas (Ex. a colocação de termos na estrutura sintática e o quadro sintático resultante com suas flexibilidades de mutação).

Operacionalmente, distinguem-se estrutura superficial e estrutura profunda. Na superficial, as operações morfossintáticas se consideram a primeira articulação da linguagem, como na percepção de André Martinet, 1979 – SIS; essa percepção se objetiva na relação entre a *Linguística* e a Comunicação, entre ela e a *Significação*, entre a Comunicação e a Sociedade, e estrutura profunda é semântica ou de base – SIS.

A distinção entre as estruturas, nesse teor chomskiano – SIS, acede à compreensão da organização subjacente. (Segundo Roland Barthes, a estrutura se garante na História).

E é porque as línguas pouco variam nas suas estruturas profundas que não se compreende totalmente bem o abandono da tese da gramática do sentido por Saussure, ao se aceitar de Simon Bouquet (2004), na sua *Introdução à leitura de Saussure*, o pensamento sobre o *Curso*: 1) Saussure se define um filósofo não da linguagem apenas, mas da própria ciência, da Linguística; a epistemologia dessa ciência se consagrara à gramática comparada; 2) necessariamente, reconhecia-se, nessa ciência, profunda, uma metafísica; 3) e entrava uma teoria linguística com uma semântica: esta pode integrar as dimensões lexicais, morfológicas, sintáticas e pragmáticas da linguagem; 4) tudo isso se anunciava sob a forma da “epistemologia programática” de uma ciência futura, como, aliás, procedemos com relação precisa ao projeto da Madre Olívia e sua grande e maravilhosa equipe.

Desse modo semântico, pode haver uma grande variabilidade nas manifestações da estrutura de superfície, ligada à estrutura de profundidade pelas operações transformacionais.

Numa pessoa conhecedora de uma determinada língua, a sua gramática *gera* o conjunto infinito das potenciais estruturas profundas, *caracteriza* (mapeia) a associação (sinal) e a troca (símbolo) de operações sobre o fundo das estruturas superficiais, e *especifica* as interpretações semânticas e fonéticas desses objetos abstratos – PISCI.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Todavia, abre-se concessão à semântica parecer regulada pela estrutura profunda, como já advertíramos, anteriormente, neste trabalho, e à fonética, pela estrutura superficial, carregando as operações de implicação sígnica interna, portanto as composições morfossintáticas, para nós.

Conclusivamente, não se perde de consideração a restrição inata, que constitui uma pré-condição para a experiência linguística, como possibilidade “condicionada”.

Por exemplo, uma criança não pode saber no processo da nascerça que língua aprenderá, embora se tenham testemunhas de uma comunicação intrauterina da progenitora e o feto (essa comunicação passaria alguma sentença ou sequer enunciado de caráter linguístico?). Por isso, essa criança deve saber que a sua gramática exclui muitas línguas imagináveis de uma forma pré-determinada (pré-gestada ou concebida no útero?).

### NATUREZA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM – TISDC

O modo mais *atual* de se propagar o tema deste tópico consiste em recorrer a Mário Eduardo Matelotta (2008), no seu livro *Manual de linguística*.

O Manual do Martelotta – TISDC – busca meios eficazes de executar a tarefa de introduzir informações básicas da ciência da linguagem e da gramática. Desconhecem-na os estudantes.

Discutem-se questões acerca da natureza da linguagem. Elas ajudarão na formação dos alunos de linguagem no decorrer da sua graduação. Estimulam-se reflexões sobre a natureza e o funcionamento da linguagem. Projeta-se a iniciação científica. A quantidade de informação disponível é imensa. Seleciona-se o conteúdo a transmitir a harmonização de tradição e modernidade.

Um manual nos introduz na história e no desenvolvimento dos conceitos básicos e gerais. Apresentam-se as principais escolas teóricas. Interfaceiam-se outras áreas de pesquisa. Aí se inclui o ensino de línguas. Juntam-se várias universidades.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

Lido cada capítulo, faz-se uma pequena bateria de exercícios (em anexo a este artigo, ofertado em mão no próprio curso). Para uma pequena amostragem, selecionamos apenas três exercícios sobre: 1) comparação dos elementos da primeira articulação; 2)...da segunda articulação; 3) dissertação sob o conceito de gramática, unindo as três questões, e recorrendo às suas problemáticas intrínsecas ou específicas.

Mais tarde, não exatamente hoje, depois se distinguirão as funções da Linguagem (31), e se resolverão os exercícios de: – dupla articulação (40); – conceitos de gramática (68). Arbitrariedade e iconicidade (87); – motivações pragmáticas (109); – abordagem da linguística cognitiva (193); –... da linguística textual (203); – aquisição da linguagem (215); – psicolinguística experimental em foco de: a) processamento da linguagem (233); – b) linguística e ensino (241).

Despede-se Martelotta da ativa participação mais direta no último artigo, que intitula o capítulo “Aquisição da linguagem”. A questão é: como as crianças aprendem a falar?

Enfatiza-se a linha da teoria gerativista, sob a hipótese do inatismo: sua descrição aprofunda algumas noções que ampliam a hipótese behaviorista do estruturalismo.

O estruturalismo americano explica pela psicologia behaviorista a aprendizagem de língua, por uma aquisição através de experiências vividas: estas respondem a determinados estímulos do meio; por associação e repetição das respostas aos estímulos, fundamenta-se essa aprendizagem.

Para Radford (1993), sob o inatismo da “hipótese maturacional da aquisição da linguagem”, segundo Martelotta (*op. cit.*), as crianças passam pelas seguintes fases de aquisição da linguagem:

- (a) fase pré-lingüística: 0 a 12 meses;
- (b) fase de uma palavra: 12 a 18 meses;
- (c) fase multivocabular inicial: 18 a 24 meses;
- (d) fase multivocabular tardia: 24 a 30 meses.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Na estrutura chamada “sentença curta” do adulto, na terceira fase (C), a ela assemelha-se a estrutura da sentença de crianças, como as destacadas a seguir:

Eu acho *Pedro inteligente*.

Eu considero *Pedro bom*.

Vejam os exemplos da fala de uma menina brasileira de 2 anos:

- a) Faz sol grande.
- b) Panta de vovó.
- c) Carro é minha.

Nessa fase, não há estruturas com artigo, pronome, flexão nominal e verbal e conjunção, porque não houve maturação para a aquisição dos sistemas funcionais.

Sob hipóteses construtivistas e interacionistas, diferenciam-se as maneiras. Tentam dar conta da linguagem a partir das relações interativas entre a criança e o ambiente (Piaget). Intermedeiam-se criança e as pessoas com que ela convive (interacionistas).

Dessas concepções selecionam-se algumas:

– Cognitivismo construtivista ou epigenético (Piaget, 1978-1990). É desenvolvida com base na ideia de que o desenvolvimento das estruturas do conhecimento ou estruturas cognitivas é feito pela interação entre ambiente e organismo; ou seja, Piaget não concebe uma gramática independente de outros domínios cognitivos.

O aparecimento da linguagem se dá por volta dos (18) dezoito meses de idade.

Esse estágio o autor denominou de “estágio sensório-motor”. Nele se desenvolve a função simbólica – PISCI – (comutação ou metáfora, na paradigmática do arranjo de seleção da linguagem).

– O interacionismo social – não inatista (Vygotsky, 1996) – explica o desenvolvimento da linguagem e do pensamento pela interação entre os indivíduos. A fala e o pensamento diferenciam suas origens genéticas. Existe uma fase pré-verbal do pensamento. Liga-

## QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

se à inteligência prática. E relacionada ao balbucio e ao choro, desenvolve-se uma fase pré-intelectual da fala.

Enfim, a história das reais relações – PISCI – entre a criança e as outras pessoas – PISCT – constitui-se dos processos de internalização.

E resta mais uma concepção:

– A visão sociocognitivista, que junta a base social, interacional, com a base cognitiva. Explica-se a aquisição da linguagem em termos funcionalistas; a aquisição começa na passagem para o entendimento. A criança desoculta a existência de uma intenção no ato de comunicação dos adultos. Contudo, embora despossuídas da tecnologia da espécie humana, todas as demais espécies animais são, também, detedoras da linguagem.

Especifica-se a humana habilidade da linguagem, no entanto, pela lida com tecnologias, formas complexas de organização social e comunicacional. O aprendizado se habilita na posse da compreensão dos seres semelhantes pelos indivíduos iguais em vida mental e intencional. Esses seres intencionais utilizam símbolos linguísticos (instrumental de permuta, de base operativamente metafórica), para a necessária situação comunicativa.

Adquire-se a linguagem por volta dos nove meses de idade: a criança se propõe a compreender razões/ explicações (“por quê?”) e finalidades (“para quê?”) sons e movimentos têm valor comunicativo, motivam um tipo especial de intenção chamada “intenção comunicativa”.

Destarte, desenvolve-se algum tipo da chamada “cena de atenção compartilhada”. Esta provê a base sociocognitiva para esse entendimento.

Outro aspecto também igualmente importante inclui a própria criança, como elemento constituinte, parte do cenário, no seu papel na interação conceptualizada; parte do mesmo perceptual externo da outra pessoa e do objeto: esse aspecto é a compreensão da criança de uma “cena de atenção compartilhada”; e todos participam de um formato representacional comum, sem o qual não se conta com outro

processo igualmente importante para se operar a aquisição dos símbolos linguísticos (troca de paradigmas) – PIS.

Enfim, Martelotta (*op. cit.*, p. 215) – TISDC – nos comenta em conclusão que a questão do inatismo continua aberta à discussão. Pesquisadores defendem que existe uma gramática universal no nosso código genético. Ela responde pelas características das línguas e pela aquisição da linguagem.

Existem cientistas que não admitem o inatismo tal como este é proposto por Noam Chomsky – SIS. E eles enfatizam outros pontos importantes para a aquisição:

(a) o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem em geral; – (b) a interação entre os indivíduos; e (c) a percepção das intenções comunicativas.

“Caberá às próximas pesquisas validar ou refutar as hipóteses de uma ou de outra abordagem ou ainda criar novas hipóteses para a questão da aquisição da linguagem” (*Idem, ibidem*).

#### UMA PROBLEMÁTICA SEMIOLINGÜÍSTICA DO ESTUDO DO DISCURSO – TISDP

Com Patrick Charaudeau (2008, p. 11-64) – TISDP, chegamos ao nível ou à perspectiva dos modos de organização do discurso, com princípios, com desvendamento enunciativo, com ordenação descritiva, com organização narrativa, e com semântica argumentativa. Contudo, aqui nos prenderemos apenas a um aspecto incoativo desse contexto: o campo semiolinguístico, pois alguns outros já se trataram. Por agora, satisfazem os objetivos propostos, se considerarmos todas as circunstâncias e as implicações sgnificas.

O território é das ciências humanas. O primeiro percurso de reconhecimento, para Charaudeau, se propõe ao reconhecimento do que se chamou *campo de linguagem*, para confirmar, contestar ou deslocar a atividade ulterior, como esta.

Tal exploração não tem caráter histórico nem exegetico.

Não é histórico, pois não parte da origem das teorias linguísticas e não acompanha sistemicamente o seu desenvolvimento.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

A exegese provém de uma problemática defendida no livro do autor, que difere do que acontece nos livros das ciências que não têm como objeto a linguagem, com as suas principais questões, pelo menos.

A fim de não nos distrairmos do nosso objeto, o do livro do Charaudeau se insere num contexto imediato das “diferentes atitudes diante da linguagem”, com delimitação de objeto; método; conhecimento; justificativas; e se esbarra, mais uma vez, noutra específico contexto, o do “campo semiolinguístico”. Vamos, então, a este, que envolve todos os demais itens direta ou indiretamente.

Coexistem e se integram, nesse campo, duas necessárias propostas antinômicas: *discordância* e *concordância*. Elas produzem e marcam a linguagem. O ato de linguagem se concebe como um *conjunto* atos integradores (mecanismos de fundações da linguagem: falares, gírias e dialetos, na diversidade), no fenômeno de criação dos signos.

Os signos nascem em um uso e, a um só turno, em uma soma de relações de intercompreensão.

### CONCLUSÃO

O objeto do conhecimento é o do que fala a linguagem através do como fala a linguagem, em todas as suas categorias; estas interdependem da situação, do entorno, do contexto; falar e como falar constituem-se, e não um após o outro. Não se podem separar esses aspectos.

Uma análise semiolinguística, por cujo conceito se conclui um trabalho, breve, não escapa do discurso próprio, sobre o discurso; é a própria Linguística: utiliza como instrumento para interrogar esse objeto, discurso, construído ao fim de uma conceituação estrutural dos fatos languageiros.

Os fatos languageiros fazem parte do diálogo, dentro do moriniano princípio da dialógica. Este evolui para a Democracia participativa.

No mesmo ato languageiro, de forma dialética, interpelam uma *especificidade* – PISCI – e um *consenso* – PISCT.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Tais interpelações se afirmam, em suma, no jogo de *agressão* e de *cumplicidade* enfrentado pelos atores da linguagem. Tentam responder no *campo semiolinguístico*, as implicações sógnicas: sobretudo, signo; a sustentação da teoria da significação – SIS; o conceito de comunicação; e a competência linguageira, todos os atos que se comprometem com a *análise de um texto*, com a efetiva possibilidade de comentar os *atos de linguagem*!

E, enfim, os atores da linguagem evoluem com a dialógica para a democracia plena – TISDCVCM/ TISDPVCH, que se compõe, diretamente, com a democracia cognitiva da perspectiva da complexidade de Morin e com a democracia participativa, defendida por Hannah Arendt, e praticada no ensino do Português pela exemplar Madre Olívia.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática, referente à língua portuguesa*. 2ª ed. Refundida. Rio de Janeiro/ São Paulo: J. Ozon, 1964.

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3ª ed. Corregida. Madrid: Gredos, 1968.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008

CHOMSKY, Noam. *Estruturas Sintáticas*. Portugal: 70, 1980.

———. *A Linguística Cartesiana*. / “*La Linguistique cartésienne*”. Trad. N. Delanoë e D. Sperber. Paris: Seuil, 1969.

———. *A Linguagem e o Pensamento*. / “*Le Langage et la Pensée*”. 6ª ed. Trad. L. – J. Calvet. Paris: Payot, 1990

FOUCAULT, Michel. *Archeologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo*. Tomo 2. “*Pour une critique de la raison fonctionnaliste*”. Trad. J.-L. Schlegel, da ed. al. de 1981. Paris: Fayard, 1987.

JAKOBSON, Roman & MARTINET, André. *Linguística e Comunicação*. Entrevistador: José Manuel Blecua. Rio de Janeiro: Salvat; Bracelona; Paris: Grammont/ Lausanne, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Agora, 1985.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termo-chave da análise do discurso*. 1ª reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 1ª Reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINET, André. “Arbitraire linguistique et double articulation”, *CFS*, n. 15, 1957.

——— & JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. / “*La Méthode 6. Étique*”. Trad. port. Juremir Machado da Silva, da edição francesa de 2004. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLÍVIA, Madre. *Análise semântica: Exercícios Iniciais, Conjunto 1, 2 e 3. 4*. Petrópolis: Vozes, 1979 (Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae”, PUC).

PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos sobre o signo*. / “*Écrits sur le signe*”. Reunidos de *Collected Papers*, 1931-1958 e trad. por G. Deledalle. Paris: Seuil. 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Portugal: Quixote, 1995.

SECHEHAYE, A. *Programme et méthodes de la linguistique. Psychologie du langage*. Paris-Leipzig-Genève, 1908. (Reprodução fragmentada, Rio: Maison du France).

TRUBETZKOY, N. *Principe de Phonologie*. Paris, 1949.